

PRÁTICAS DE LEITURA E SEUS REGISTROS NA INTERNET: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A HISTÓRIA DA LEITURA

READING PRACTICES AND ITS RECORDS ON THE INTERNET: NEW POSSIBILITIES FOR READING HISTORY

PRÁCTICAS DE LECTURA Y SUS REGISTROS EN INTERNET: NUEVAS POSIBILIDADES PARA LA HISTORIA DE LA LECTURA

Estefania Knotz Canguçu Fraga

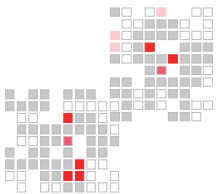
■ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi Coordenadora e Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da instituição, em várias gestões onde também leciona e desenvolve projetos vinculados às Linhas de Pesquisa Cultura e Cidade; Cultura e Trabalho; Cultura e Representação. Atua no Conselho Editorial da Revista Projeto História e em várias Comissões na Universidade. Participa como pesquisadora em Grupos de Pesquisa como Núcleo de Estudos da Alteridade; História, Cultura e Sociedade; Memória e Esporte.

■ E-mail: ekfragra@uol.com.br

Paulo Henrique Oliveira

■ Docente de História no Colégio FECAP, São Paulo. Autor do livro, Gabinete de Leitura de Jundiaí: entre práticas e representações (1908-1924). Pesquisa sobre práticas leitura. Doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Pós-Graduação em História Social.

■ E-mail: paulohenrique.oliveira@ig.com.br



RESUMO

O artigo discute a ação de leitores que têm registrado o seu ato de ler na internet, e como esses registros tornam-se evidências de práticas de leitura e podem ser constituídos como fontes para o estudo da História da Leitura. São apresentadas discussões metodológicas acerca dessa questão partindo da historiografia sobre o Tempo Presente e, por fim, exibe-se uma possibilidade metodológica para análise do registro de leitores nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: PRÁTICAS; LEITURA; FONTES; INTERNET.

ABSTRACT

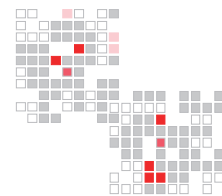
The article discusses the action of readers who have recorded their reading on the internet and how these records become evidence of reading practices and can be constituted as sources for the study of reading history. Methodological discussions about this issue are presented starting from the Historiography of the Present Time and, finally, a methodological possibility for analysis of reader registration in social networks was shown.

KEYWORDS: PRACTICES; READING; SOURCES; INTERNET.

RESUMEN

El artículo analiza la acción de los lectores que han registrado sus lecturas en Internet y cómo estos registros se convierten en evidencia de las prácticas de lectura y pueden constituirse como fuentes para el estudio de la historia de la lectura. Las discusiones metodológicas sobre este tema se presentan a partir de la Historiografía de la actualidad y, finalmente, se presenta una posibilidad metodológica para el análisis del registro de lectores en las redes sociales.

PALABRAS CLAVE: PRÁCTICAS; LECTURA; FUENTES; INTERNET.



1. Introdução

Com a crescente utilização da internet e suas aplicações, dentre elas, as redes sociais online, cada vez mais, o real tem adentrado o virtual e vice-versa. De maneira acelerada, virtualizam-se os hábitos, o consumo e as vivências, e a consequência desse cenário é a emergência de novas tendências culturais. Em *O Espaço Crítico* (1983), Paul Virilio já alertava para as transformações na percepção humana sobre o tempo e o espaço e suas novas possibilidades de dimensão a partir da mediação da tela da televisão. Assistir a eventos distantes, em uma quase simultaneidade, acarretava em novas formas de apreensão e comportamentos humanos. As considerações do autor parecem ecoar ao serem atualizadas para o tempo corrente em que as telas, não somente as da televisão, mas também de celulares, tablets, computadores e notebooks, tornaram-se instrumentos tão usuais que, além de alterarem dimensões e percepções, integram e constroem práticas sociais, potencializadas ainda mais por suas conexões com a internet.

Manuel Castells, ao final da década de 1990, assinalava que as sociedades estavam vivendo “a cultura da virtualidade real”, o que, em suas palavras, seria “um sistema em que a própria realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (Castells, 2013, p. 459). Era o nascimento da *Sociedade em Rede*, expressão que intitulou a obra do autor, publicada originalmente em 1996. A partir daquele momento, as tecnologias da informação e da comunicação não pararam mais de avançar e seus efeitos, nos dias de hoje, não notórios.

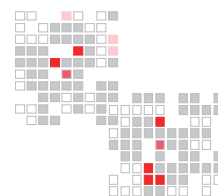
Se desde o final de 1990, “a internet, e sua variada gama de aplicações, é a base da comunicação em nossas vidas, para trabalho, conexões pessoais, informações, entretenimento, servi-

ços públicos, política e religião” (Ibidem, p. 11), atualmente, esse cenário intensificou-se. O uso corrente da internet e de suas aplicações delimitou, ainda mais, a experiência de ser, pertencer e agir em sociedade.

A internet criou um novo espaço, o virtual, e a sua popularização possibilitou o aparecimento de novas formas de sociabilidade. Esse processo foi denominado pelo filósofo Pierre Lévy de “ciberespaço” e “cibercultura”. Para ele, “o ciberespaço (...) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. A “cibercultura”, por sua vez, é um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17).

Dessa maneira, estamos diante de um cenário fértil para se tecer estudos sobre práticas culturais, mediações, relações, identidades, representações, apropriações, condições materiais, produção de discursos, construção de realidades sociais e modos de vida. Enquanto sujeitos na contemporaneidade, as pessoas têm agido como produtores e consumidores, enunciadores e enunciatários, expressam a si e o seu mundo num complexo de ressignificações. As ciências humanas e sociais têm muito com o que se beneficiar teórica e metodologicamente dessa nova realidade midiática e, também, imediatista que o virtual oferece.

Henry Jenkins, em *Cultura da Convergência* (2006), estabelece que os tradicionais meios de comunicação (jornal, tv e rádio) utilizam-se da internet para se veicular na atualidade, convergem para ela. Ampliando essa perspectiva, e tomando de empréstimo a definição de convergência por ele proposta, pode-se dizer que as



experiências sociais, também, estão convergindo para a internet e, diga-se de passagem, num movimento vertiginoso. As múltiplas experiências humanas têm sido, cotidianamente, registradas nas chamadas “*selfies*”, juntamente com textos e vídeos que são postados em redes sociais online e a prática da leitura não está de fora.

Comunidades leitoras têm compartilhado suas maneiras de ler, os livros que leem e suas impressões de leitura na internet, bem como os momentos, lugares e os suportes materiais utilizados (impresso e digital), gerando uma superabundância de exposição em redes de conexão entre comunidades leitoras no ciberespaço. Esse cenário possibilita pensar a prática da leitura em novas dimensões e observar seus efeitos na vida cotidiana.

Em termos de registros, o tempo presente parece não apresentar mais tantos obstáculos para aqueles que pesquisam sobre a leitura, ao contrário, há uma avalanche de registros dos leitores na atualidade. Para além de relatórios de órgãos públicos e de organizações privadas sobre a produção e o consumo do livro entre as populações, cada vez mais, leitores têm deixado registros sobre suas práticas e impressões de leitura no espaço virtual. Seriam estas, então, a temporalidade e a conjuntura favoráveis para se enxergar leituras e leitores? Quais são as particularidades de se trabalhar com esses registros e como constituirlos como fontes para o ofício do historiador? Há possibilidades metodológicas para se estudar registros de práticas de leitura na internet?

2. História da leitura: apontamentos do passado

O ponto de partida para estudos sobre a História da Leitura sempre foi a busca pelo registro dos leitores. O que não é uma tarefa fácil, pois os historiadores da área são unânimes ao afirmarem que são raros os leitores que deixam registros sobre o que leram, como, quando e quais as in-

terpretações. Essa observação ocorre, principalmente, porque os estudos sobre a História do Livro e da Leitura no mundo ocidental privilegiam a Idade Moderna como recorte temporal, por ser este o momento de surgimento da imprensa e da consequente produção e circulação de impressos.

Uma das possibilidades de se estudar a leitura nesse período é a análise da correspondência entre os leitores, os autores e os intermediários do livro (editores, impressores e livreiros). No entanto, como ressalta Robert Darnton, essa documentação “raramente mostra os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos, e os documentos são, eles próprios, textos o que também requer interpretação” (Darnton, 2011, p. 207).

Devido às dificuldades de se identificar registros dos próprios leitores, os historiadores da leitura mantiveram como tradição realizar estudos externos, apresentando informações exteriores à leitura, enxergando-a como prática social, mas com a análise de documentos indiretos. Apesar desses obstáculos, de um modo geral, conseguiram responder a perguntas relevantes sobre a história da leitura, sobre “o que se lia”, “onde” e “quando”. Essas questões serviram de base para se tecer abordagens sobre os “porquês” e os “comos” da leitura (Ibidem).

Em seus estudos sobre as sociedades europeias do Antigo Regime, o historiador francês Roger Chartier sempre destacou, aos interessados pela temática da leitura, as dificuldades que uma pesquisa neste campo pode apresentar. (Chartier, 2004). Dada a época e o contexto por ele estudados, as possibilidades de investigação se dão, principalmente, pela análise de inventários pós-morte, catálogos de bibliotecas públicas e particulares, e pelos registros de compra e venda de livros realizados por agentes intermediários do comércio livreiro, ou seja, pelos documentos indiretos sobre a leitura. Não que os leitores da época não externalizassem suas impressões e

concepções acerca do que liam, porém quando o fizeram, de sobremaneira, foi por meio da oralidade, o que limita o acesso a essas evidências somente aos que lhe foram contemporâneos.

Chartier possui muitas obras em que analisa e discute o livro enquanto objeto material e a leitura enquanto prática social, além das formas de apropriação e da construção de realidades sociais por meio das representações, tendo como base a cultura escrita no mundo ocidental. Em suas reflexões, o historiador ressalta os entraves metodológicos existentes no processo de identificação de leitores no tocante às suas maneiras de apreensão da leitura e aos modos como a leitura pode operar sobre os leitores, fazendo-os agir em sociedade.

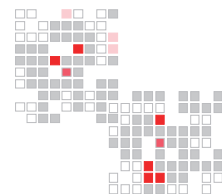
Para o pesquisador, um estudo sobre as práticas de leitura nas sociedades antigas e modernas recai, essencialmente, sobre os textos, a sua forma, o suporte no qual se veicula, e os protocolos inseridos no texto que prescrevem as maneiras de se ler. E, ao historiador que se debruça sobre essas temporalidades e conjunturas, se não puder localizar registros dos leitores sobre suas experiências com a materialidade e a subjetividade do texto, ele indica: “terá que se ater ao texto e ao seu suporte de veiculação como indícios e, assim, tecer hermenêuticas sobre as práticas de leitura” (Chartier, 2004, p. 32), o que ele demonstrou ser uma tarefa intrincada, porém não irrealizável, em seu trabalho *Leituras e leitores na França do Antigo Regime* (2004).

Carlo Ginzburg é um dos poucos historiadores que obteve êxito nessa questão e conseguiu trazer à luz, por meio da história do moleiro Menocchio, em *O Queijo e os Vermes* (1976), a existência de uma circularidade cultural e a evidência de leituras em um tempo e espaço, *a priori*, não habitual; revelando, assim, indícios de tramas e experiências sociais. Vale lembrar que os propósitos de Ginzburg eram outros, pois a história das apropriações de leitura de Menocchio, no século

XVI, foi um “achado” durante o exame de processos inquisitoriais realizado pelo historiador, um verdadeiro “indício” encoberto por camadas de sentido. Ainda assim, Ginzburg, como Chartier, teve que olhar à contrapelo, ler nas entrelinhas as apropriações de um leitor que não produziu registros diretos sobre suas leituras.

Tradicionalmente, a historiografia sobre a História da Leitura pauta-se em duas perspectivas analíticas: macro e micro. A macroanálise desenvolveu-se na França, a partir da História Social Quantitativa (Barros, 2012). Henri-Jean Martin, juntamente com outros historiadores do livro, delineou uma evolução das práticas de leitura desde o século XVI até o final do século XX, tendo, como base de suas investigações, registros de direitos do livro e de sua publicação na França, numa perspectiva temporal de longa duração. Por meio da exposição de gráficos, os historiadores construíram um cenário da produção literária francesa entre os períodos, observando os movimentos de alta e de declínio de autores e gêneros literários, e problematizando a circulação das obras.

Na Alemanha, por meio dos catálogos das feiras do livro de Frankfurt e Leipzig, que abarcam o período do século XVI até o XVIII, os historiadores do livro elaboraram análises estatísticas sobre os catálogos. Por haver poucas interrupções nas publicações, tornou-se possível conhecer grande parte da produção e da circulação livresca entre os povos germânicos do período, um exame puramente quantitativo, porém revelador da cultura literária. Na Inglaterra, por sua vez, os estudos quantificáveis sobre a leitura têm como recorte a data posterior a 1557, momento em que os ingleses passaram a dominar a indústria da impressão. Verificações comparáveis, alicerçadas em dados exibidos em gráficos, é o que alimenta a produção historiográfica inglesa sobre a História da Leitura, e os catálogos de comerciantes de livros destacam-se entre as documentações.



Estudos macros de caráter quantitativo foram tendências que auxiliaram na indicação de noções acerca da formação de um pensamento cultural e intelectual das sociedades do mundo ocidental. Chartier validou essa questão em seu livro *As Origens Culturais da Revolução Francesa* (1990), em que identificou como obras iluministas contribuiriam para fomentar os ideais revolucionários presentes nas diferentes camadas sociais da França pré-revolucionária. Todavia, como ressalta Darnton, “a história quantitativa dos livros precisará refinar suas categorias e aguçar seu foco antes de provocar um impacto importante” (Darnton, 2012, p. 209). A perspectiva de Darnton sobre a abordagem quantitativa justifica-se ao se considerar que ela pouco revela sobre os leitores em ato.

Mas não se podem descartar as contribuições da análise quantitativa sobre a História da Leitura. Por meio dela, foram possíveis identificar padrões importantes, tais como o desenvolvimento de movimentos culturais (Renascimento, Iluminismo e Romantismo) atrelados a ações de livreiros, editores e impressores que impactaram, diretamente, na cultura literária, aumentando ou diminuindo a produção e circulação de livros; o que influenciou na prática da leitura, na elaboração de textos e na compreensão da vida pelos leitores.

Desse modo, pode-se dizer que as comparações estatísticas são úteis na medida em que possibilitam o mapeamento de correntes culturais, suas oscilações e influências, pode até apontar a possibilidade de identificação de grupos leitores que num primeiro momento estariam invisíveis (Oliveira, 2018).

Os estudos de microanálise, por sua vez, priorizam o exame de catálogos de bibliotecas particulares. Este tipo de estudo na História da Leitura permite traçar um perfil do leitor e adentrar em seu universo literário e intelectual, permitindo unir o que Darnton define como “o quê” com o

“quem” da leitura. Historiadores franceses tomaram a dianteira no desenvolvimento desse modelo de análise. Esquadrinhar catálogos de bibliotecas particulares, de leilão, registros notariais, listas de subscrição, registros de bibliotecas, trouxeram, como conclusão, que obras literárias puderam ser encontradas em acervos particulares incomuns, com leitores improváveis. Assim, desenvolveram-se muitos estudos sobre as bibliotecas de nobres, magistrados, padres, acadêmicos, burgueses, artesãos e até de criados domésticos (Darnton, 2012). Entretanto, ainda são documentações parcamente indicativas sobre práticas de leitura.

Os inventários pós-morte são a documentação mais utilizada para estudos de microanálise na História da Leitura. Walter Wittman, pesquisador literário alemão, produziu trabalhos com essa documentação e conseguiu revelar a pertença de livros em diversos grupos sociais em Frankfurt no final do século XVIII. Na França, Daniel Roche produziu estudos similares sobre o mesmo período.

Em suma, macro ou microanálise, os estudos sobre a História da Leitura recaem sobre a quantificação e a diversidade de fontes indiretas, ou seja, numa total compilação de informações que, de acordo com Darnton, “além de requerer metodologias específicas para cada tipo de documentação, levam a considerações e conclusões muito mais peculiares as fontes do que aos leitores em si” (Darnton, 2012, p. 215).

Ao final do século XVIII e no decorrer do século XIX, a leitura enquanto prática social passou por transformações. Essas transformações foram ocasionadas pelo desenvolvimento da industrialização, processo que gerou o aumento da produção e o barateamento dos livros, e o aumento de pessoas alfabetizadas. Soma-se a esse cenário a variedade de temáticas na literatura, como novelas, jornais, livros infantis, moda, esportes, culinária e cultura. Desse modo, intensificou-se a

leitura, deixando de ser intensiva (leitura de poucas obras) para uma leitura extensiva (a leitura de várias obras de diferentes temáticas). Mas, ainda assim, a História da Leitura não descobriu estratégias para se analisar o leitor em ato, muito menos sobre como observar os processos internos que a leitura pode gerar.

A conjuntura atual, no entanto, parece favorecer as tentativas de se observar a leitura. Se a História da Leitura se deparou com muitas dificuldades em obter registros dos leitores para constituir estudos reveladores de práticas e apropriações, essa dificuldade prefigura em menor grau no século XXI, pois, com a internet e a sociedade em rede, os leitores têm produzido fartos registros sobre suas práticas e impressões de leitura. Esse novo cenário implica tecer discussões de ordem metodológicas, pois estamos diante de uma nova relação com os textos e com novas técnicas de produção e difusão da cultura escrita. Se os leitores estão transformando seus hábitos e percepções, compete, então, à História da Leitura, a partir das contribuições passadas, criar estratégias para o entendimento das novas relações com o livro, com a leitura e com o seu registro pelos leitores na internet.

3. História da leitura: perspectivas do presente

As novas possibilidades de interpretação, para se construir um conhecimento crítico do nosso presente sobre o registro das práticas de leitura na internet, recaem no entendimento de que ela é o espaço virtual onde estão sendo produzidas novas categorias de fontes documentais para a pesquisa histórica, essencialmente para pesquisadores do tempo presente. De acordo com Fabio Almeida:

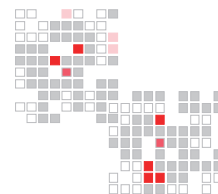
Para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo

um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores (Almeida, 2011, p. 12).

Se em períodos precedentes a História privilegiou a análise de documentos escritos para produzir conhecimento histórico, principalmente no campo da História da Leitura que primou pela localização de registros escritos dos leitores ou pela análise de catálogos e inventários pós-morte, hoje, esse cenário mudou. Aliás, vem mudando, desde 1990, quando a internet passou a ocupar espaço significativo na vida das pessoas e no registro do cotidiano.

O aparecimento do *blog*, ao final da década de 1990, é um importante indicativo dessas transformações. Cumprindo a função de um diário online, o *blog* é um espaço virtual onde o usuário pode registrar, de maneira cronológica, o que bem desejar. Assim, dava-se início a atitude de “postar” (menção a publicar em rede) pensamentos, relatos de experiências, diário de atividades e concepções de toda a sorte de posicionamentos sobre os mais variados temas.

Em 2004, surgiu a rede social online *Orkut*, uma ferramenta virtual na qual pessoas e organizações de interesses comuns podiam criar comunidades, conectarem-se, exibirem fotos, vídeos e comentários sobre questões afins, normalmente, de caráter identitário. O *Orkut* vigorou até 2014, quando perdeu espaço para outra rede social online, o *Facebook*, também lançado em 2004, mas alcançando popularidade, somente, a partir de 2012. Como seus antecessores, o *Facebook* é um espaço virtual (atualmente denominado de mídia social devido ao seu poder de alcance, projeção e interação social), onde os usuários podem postar textos, áudios, vídeos, imagens em diversos formatos, marcar pessoas, lugares e atividades que estejam desenvolvendo; além de compartilhar



todas essas ações em uma rede de conexões com outros usuários associados aos seus interesses.

Em 2006, surgiu outra ferramenta, o *Twitter*, também conhecido como um microblog, ele possibilita o envio e recebimento de mensagens curtas aos seus usuários. No *Twitter*, o tamanho das mensagens é limitado a 140 caracteres. A ferramenta tornou-se um sucesso mundial. Há, ainda, a rede social online *Instagram*, surgida em 2010, apenas como ferramenta de compartilhamento de fotos e vídeos entre os seus usuários. Porém, a popularização da ferramenta fez com que, nos dias de hoje, ela seja, também, um espaço virtual para postagens de textos e troca de mensagens.

Para se ter uma compreensão da importância das redes sociais na vida cotidiana das pessoas, pode-se observar o significativo número de usuários. Somente no Brasil, são 127 milhões no *Facebook* e 64 milhões no *Instagram*, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em 2018. A pesquisa revelou, ainda, que grande parte desses usuários utiliza as respectivas redes sociais online como veículo de notícias para se informarem sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Interessa-nos, contudo, pensar a emergência e o uso das redes sociais online como novas formas de registro de experiências leitoras na atualidade. É o que o historiador Fábio Almeida define como “documentos digitais” em seu artigo *O Historiador e as Fontes Digitais*, publicado na revista eletrônica *Aedos*, em 2011.

Como o próprio historiador indica, os documentos digitais são registros de informações contidas em um suporte diferente “codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador” (Almeida, 2011, p. 17), mas pode ser, também, celulares e tablets. Apesar da natureza diferente desses documentos, eles não perdem a sua validade como tal, pois man-

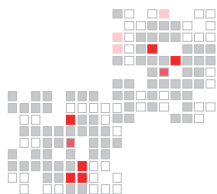
têm o caráter primordial de sua existência como manifestações das relações e práticas sociais apresentadas em uma forma variada de registro.

Parafraseando a clássica citação de Lucien Febvre sobre a abrangência da noção de documento para o ofício do historiador, Almeida ressalta que registros em redes sociais podem e devem ser utilizados como documentos e constituídos como fontes para um estudo histórico, visto que “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (Febvre *apud* Almeida, 2011, p. 10) é fonte para a história.

Almeida classifica os documentos digitais em duas categorias de fontes, a saber: *Fontes primárias digitais* e *Fontes não-primárias digitais*. A primeira é composta por *documentos primários digitais* que podem ser documentos digitalizados, ou seja, que existem em outro suporte material anterior à digitalização, por exemplo, no formato papel; ou, ainda, documentos digitais exclusivos, documentos que não existem em outro suporte além do digital, como sites da internet. A segunda são *documentos não primários digitais*, dentre eles livros, dissertações teses, artigos científicos que são disponibilizados em sites, mas que podem e são, também, veiculados em outros suportes.

Metodologicamente, Almeida propõe algumas maneiras de se trabalhar com as fontes digitais, sejam elas *primárias digitais* ou *não-primárias digitais*. Inicialmente, o historiador sugere o inter-relacionamento da documentação, buscar aproximações temáticas e ideológicas para analisar a fonte digital. O inter-relacionamento pode ser apresentado por meio de *links* que ligam o material digital consultado a outros materiais disponibilizados em outros espaços virtuais na rede, que conferem proximidade ao conteúdo e ideologias que estão sendo estudadas.

Outra possibilidade é o cruzamento de fontes



disponíveis. Esse cruzamento permite comparar informações, estabelecer parâmetros e olhar com criticidade para as fontes digitais, tentando questioná-las. Com a utilização da metodologia da História Oral, pode-se, também, analisar as fontes digitais e, posteriormente, cruzar com os depoimentos; em alguns casos, até mesmo da própria pessoa ou dos grupos que produziram os documentos digitais, e assim, confrontar informações e tecer comparações.

Há, também, que se ter cuidado com a veracidade das fontes. Como todo documento, o digital não escapa da possibilidade de validação de sua autenticidade, fidedignidade e proximidade com as questões que se pretende examinar. Neste ponto, o historiador possui um amplo aparato bibliográfico que o ajuda a pensar nas intenções de produção de um documento, seja qual for o seu suporte, bem como os sentidos que o documento possui, tanto para quem o produziu, quanto para quem o preservou. Essa é uma preocupação inerente ao ofício do historiador.

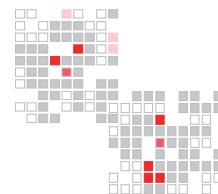
Seguidamente, há o reconhecimento da linguagem, aspecto primordial para o trabalho com as fontes digitais. A internet possui uma linguagem específica alimentada e ressignificada pelos usuários, portanto, cabe ao historiador, ao analisar a temporalidade presente e as maneiras de expressão neste espaço virtual, fixar sua análise no entendimento da linguagem que se apresenta diante dele, como uma característica da cibercultura, para retomar o conceito de Pierre Lévy. Ao compreender a linguagem própria da fonte digital (símbolos, códigos, sinais, formas, cores, textos, expressões, abreviações, etc.) o historiador poderá se familiarizar com essa linguagem e perceber desvios, rupturas, permanências e, no melhor dos casos, o espírito de uma época em suas novas formas de comunicação e expressão.

Por último, Almeida acrescenta, como sugestão metodológica, o papel de selecionar e qualificar as fontes digitais para o trabalho de análise. A

seleção refere-se ao aspecto da superabundância das fontes digitais. Se pensarmos os registros em redes sociais, há um número exorbitante de registros devido ao grande número de usuários que fazem uso desta ferramenta para registrar suas práticas sociais. Compete, então, ao historiador, a ação de quantificar esses registros em um conjunto de fontes que o permita constituir sua análise de maneira lúcida e viável. Aqui, voltamos para as contribuições da História Social Quantitativa que fornece subsídios para se trabalhar com série de dados. Neste momento, devemos qualificar as fontes digitais, ou seja, observar, dentre a quantidade disponível, quais podem ser as mais significativas e representativas para a exposição dos fatos, das reflexões e considerações. Exatamente como Antoine Prost advertiu em *Doze Lições Sobre a História* ao comentar que, na pesquisa, é necessário fabricar os fatos para “em seguida, explicá-los, concatená-los em uma exposição coerente” (Prost, 2014, p. 53).

Como se pode observar, o trabalho metodológico com as fontes digitais exige do historiador o mesmo rigor crítico e analítico que qualquer outra fonte de outra natureza exigiria. Independentemente do tipo de suporte em que o registro da experiência humana se encontra, o historiador deverá, como de praxe, questionar, confrontar e comparar.

No campo da História, existem poucos trabalhos que usam, como fonte, os registros em redes sociais online. Num primeiro momento, a falta de referencial teórico-metodológico da área pode aparentar ser um entrave para o aprofundamento conceitual e investigativo da pesquisa. A interdisciplinaridade pode auxiliar neste ponto. As áreas da Comunicação, Linguística e Semiótica têm produzido muitos estudos que podem contribuir para que a História problematize as fontes digitais e formule suas considerações, amparada por outras ciências. Há, também, uma tendência historiográfica ainda em gestação denominada



de História Digital – o termo não é consensual entre os historiadores, empregam-se, também, os termos Historiografia Virtual e História Alternativa – trata-se de um subcampo da História que tem por objetivo pensar a relação e a produção da História na Internet e, também, a utilização da internet como fonte para a História. Daniel Cohen e Roy Rosenzweig, no livro *Digital History* (2006), abrem as portas para este novo pensar.

No Brasil, a revista *Tempo e Argumento* da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) publicou, em 2014, um dossiê com a temática *História e Internet*, no qual a revista compilou estudos de historiadores que estão pesquisando as relações da área com o campo virtual no tempo presente, e como os historiadores podem constituir os registros humanos produzidos na internet como fontes.

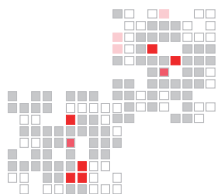
Dentre as discussões apresentadas, destaca-se o artigo de Nucia Alexandra de Oliveira, *História e internet: conexões possíveis*, no qual são arrolados trabalhos de pesquisadores, no Brasil e no exterior, que estão produzindo estudos tendo a internet como objeto de análise. O artigo configura-se como um levantamento bibliográfico atual sobre o tema e expõe uma proposta de estudo de sites na internet.

George Zeidan Araújo, *Ler, pesquisar e escrever história em tempos de internet: desafios e possibilidades* e Pedro Eurico Rodrigues, *A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente*, no mesmo dossiê, apresentam elementos importantes para se pensar questões de ordem metodológicas. Os aspectos principais destacados pelos autores são a problematização do caráter efêmero das redes sociais como fontes para história. O registro de práticas sociais realizado pelos usuários nessas ferramentas pode ser passageiro, o próprio usuário pode apagá-lo, ou a ferramenta deixar de existir, como foi com o *Orkut*, por exemplo; e o que se observa hoje, pode não estar mais disponível para averiguação posterior. Os autores advertem aos

pesquisadores para construírem um acervo próprio e armazenar as fontes digitais que podem, a qualquer momento, serem tiradas do ar. Outra questão apontada é a rapidez em que são gerados os registros pelos usuários, é uma velocidade tamanha que se torna difícil para o pesquisador acompanhar. Os registros apresentam-se no formato de uma linha do tempo (*timeline*), porém sua exibição, não necessariamente, corresponde a uma ordem cronológica; pois as postagens são evidenciadas conforme a interação dos usuários (compartilhamentos, comentários e curtidas), gerando um caos informativo para se analisar. Uma solução é navegar pelas *timelines*, selecioná-las e as arquivar para fácil acesso posterior.

Os autores, ainda, propõem pensar os registros em redes sociais como veículo de produção de narrativas dos usuários. Para eles, as pessoas utilizam as redes sociais como canal de expressão de suas concepções sobre assuntos relacionados a questões políticas, sociais, econômicas e culturais. Assim, manifestam correntes de pensamento, ideologias e estão informando como agem e reagem aos acontecimentos de seu tempo. São, portanto, narrativas (textuais e/ou audiovisuais) sobre as experiências vividas e ideologizadas.

Ao fim e ao cabo, o que fica perceptível, nas discussões e estudos supracitados, é como o trabalho com as fontes digitais está em processo de se constituir enquanto campo teórico-metodológico para pesquisas atuais e futuras. Portanto, estudos em fase de desenvolvimento, ou já finalizados, com seus acertos e erros, serão as bases para que se possam estabelecer parâmetros e possibilidades de estudos cada vez mais assertivas. No que toca à História da Leitura, nota-se um significativo avanço, visto que os leitores estão se mostrando em ato e registrando o que praticam e concebem acerca do que leem, cabendo, assim, aos estudiosos da temática, produzir pesquisas e oferecer interpretações para a conjuntura da leitura atual.



4. Considerações metodológicas

Conforme assinalado, há pessoas e alguns grupos na internet que se utilizam de suas redes sociais online, predominantemente o *Facebook* e o *Instragam*, (mas, também, *blogs* e o canal do *Youtube*), para exporem o quem têm lido, comentários (elogios, reclamações e recomendações) e suas apropriações.

Toma-se, aqui, como exemplo, as leitoras de um gênero literário específico, aliás, esta é uma possibilidade metodológica para se trabalhar com registros em redes sociais: a identificação de uma comunidade de leitores que se forma e se manifesta sobre um determinado gênero literário, ou temática literária.

Esse gênero literário possui diferentes denominações, dentre elas: romances sentimentais, romances *chicklit*, romances de mulherzinha, romances *hot*, romances cor de rosa, romances água com açúcar e romances do coração. De um modo geral, trata-se de uma literatura escrita por e para mulheres e que possui variações estéticas e temáticas em sua forma literária. Essa literatura é produzida e direcionada para o público leitor feminino há muito tempo. Desde o século XVIII, nota-se a presença desse modelo de escrita e de publicações por algumas editoras, com as devidas ressalvas ao

tempo e ao espaço em que foram produzidas.

São criações literárias que abordam temáticas entendidas por determinados grupos sociais como “exclusivas do universo feminino”, em exemplo: o amor, os sentimentos, relacionamentos amorosos, a maternidade e o casamento. Pode-se consultar a discussão sobre a historicidade dessa literatura no artigo, *Romances sentimentais ontem (XIX-XX) e hoje (XXI): permanências de leituras*, publicado nos anais eletrônicos do XXIV Encontro Estadual da ANPUH, 2018.

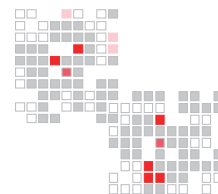
No atual mercado editorial brasileiro, encontra-se, com facilidade, esse gênero literário. Muitos grupos editoriais o mantém como linha de publicação em seus catálogos. As autoras desse segmento promovem encontros presenciais com as leitoras do gênero, divulgam-no de forma recorrente na internet, tornando-o um “produto literário” para consumo das leitoras.

As leitoras que se apropriam desses romances estão, cotidianamente, registrando suas leituras e impressões sobre as obras em suas redes sociais online, leem-nos tanto no formato impresso quanto digital. Dessa maneira, tem-se, aqui, uma forma de produção de registro por parte das próprias leitoras seguidas da indicação de possibilidades metodológicas para análise.

Figura 1



Fonte: Instagram. Perfil: @garotapaidegua. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BmTMXRtn8LH/>>



O registro da Figura 1 é uma reelaboração do ato da leitura. A leitora desejou expressar em sua rede social online a sua prática, a obra e a autora que estava lendo. No comentário ao lado da imagem, de autoria da leitora, registrou a ânsia de ler o novo livro de uma autora muito popular dentro do segmento literário; marcou os perfis da autora e da editora na rede social online, de forma a comunicar a quem escreve e a quem edita que adquiriu o livro, uma ação específica dessa modalidade de registro, quase que instantânea ao ato de ler. O registro possui duas dimensões: imagem e texto.

Na imagem, pode-se identificar o local da leitura, a disposição física, a feição da leitora, o suporte material no qual o texto é veiculado, informações sobre a obra (capa, título, autora, composição estética) e o elemento natural que deleita a leitura, a luz. No texto, tem-se a informação que a leitura não se iniciou no espaço da casa, mas no trajeto até se chegar a ela, o que remete à prática da leitura no transporte. É registrado que o livro é um lançamento, termômetro importante para as editoras divulgarem e mapearem a aceitação da obra, bem como as autoras.

A reelaboração se dá porque houve um processo de composição por parte da leitora: a pose, a disposição dos elementos materiais, a expressão facial e os dizeres foram, intencionalmente, construídos para se criar um registro e, em seguida, disponibilizá-lo na internet. Nessa perspectiva de produção, o registro pode ser considerado uma forma de captar a prática da leitura? Sim. Na medida em que a leitora produziu o registro e buscou expressar, à sua maneira, sua prática e subjetividade de ler.

Assim, o historiador da leitura deve tecer sua análise pautando-se nas questões anteriormente expostas. Na crítica ao documento, seja qual for o seu suporte, deverá atentar-se para as temporalidades que a fonte apresenta. O tempo da leitura, o tempo do registro, o tempo de postagem

na rede social e a sua disponibilização a outros usuários, o tempo em que editora e autora tomam consciência da leitura da obra marcada pela leitora, além dos propósitos implícitos na exposição do registro.

Figura 2



Fonte: Instagram. Perfil: @docesletras.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BhdF2J8nKWt/>>

Outra prática das leitoras de romances escritos por e para mulheres expressa na Figura 2 é a criação de perfis nas redes sociais online para divulgarem o seu gosto pelos livros e por essa literatura em específico. Registram os livros que estão lendo, junto com sinopses e resenhas das obras. Ao analisar seus perfis, pode-se ter uma dimensão da quantidade de leituras que realizam e das interações com autoras e editoras. Essas, por sua vez, enxergam, nessas práticas, verdadeiras estratégias para a promoção dos livros. Desse modo, adotam, como marketing, o envio de alguns exemplares para essas leitoras em potencial, que tratarão de publicar, em suas redes sociais online, o lançamento da obra, suas impressões sobre enredos e personagens e o convite para que mais pessoas leiam e comentem. Esta é uma tendência a se analisar sobre o atual mercado editorial e sobre a relação dos leitores com os livros que extrapolam o simples ato da leitura.

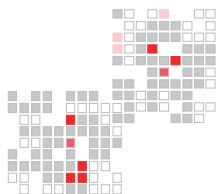


Figura 3



Fonte: Instagram. Perfil: @eurekamundo.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BrVxGFngpQv/>>

Além da leitura registra-se, também, sua associação com hábitos corriqueiros em um momento de intimidade no espaço doméstico na Figura 3. O registro produzido pela leitora tem a intenção de demonstrar seu gosto pela leitura em uma situação de descanso. O registro é, também, uma ação de reelaboração por parte da leitora sobre a sua prática de ler. Muitos dos registros produzidos pelas leitoras possuem esse caráter. Uma possibilidade de apreender essas práticas, tentando en-

xergar suas camadas de sentido, é selecionar uma quantidade de registros heterogêneos, observar os elementos que o compõem (imagens e textos) e que indiquem: ação, suporte, tempo e lugar, ou seja, os aspectos objetivos da leitura; e, também, as feições, o relato de sentimentos e das impressões, que seriam os aspectos subjetivos da leitura. Dessa maneira, pode-se chegar a uma interpretação sobre as formas e os sentidos da leitura com uma visão holística. Pode-se, ainda, entrevistar as leitoras. O contato é facilitado pela identificação por meio das próprias redes sociais online, e assim, cruzar as informações dispostas nos registros das redes sociais online com os depoimentos.

Essas indicações são algumas possibilidades de análise para que se possam compreender melhor as mutações da era contemporânea, das novas formas de comunicação e conexões sociais, assim, seremos capazes de produzir investigações cada vez mais lúcidas das novidades que se apresentam.

Referências

- ALMEIDA, Fábio Chang de. *O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para pesquisas históricas*. Revista Aedos, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan./jun. 2011.
- ARAÚJO, George Zeidan. *Ler, pesquisar e escrever história em tempos de internet: desafios e possibilidades*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 151 - 164, mai./ago. 2014.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DARNTON, Robert. *História da Leitura*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. (Org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 203-242.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. *História e internet: conexões possíveis*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23 - 53, mai./ago. 2014.
- OLIVEIRA, Paulo Henrique de. *Gabinete de Leitura de Jundiá: entre práticas e representações (1908-1924)*. Jundiá: Paco Editorial, 2018.
- OLIVEIRA, Paulo Henrique de. *Romances sentimentais ontem (XIX, XX) e hoje (XXI): permanências de leitura*. In: XXIV Encontro Estadual de História. ANPUH, 2018, Guarulhos, SP. Anais (online). Disponível em: <<http://gg.gg/fd7gu>>.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- RODRIGUES, Pedro Eurico. *A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131 - 150, mai./ago. 2014.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 6º ed. 1996.

